
HUSSERL, HEIDEGGER E A FENOMENOLOGIA

Mariângela Areal Guimarães, professora de Filosofia do Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ, Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Instada a confrontar a filosofia dos renomados fenomenólogos Husserl e Heidegger, enfrente esse enorme desafio.

A proposta é cotejar a fenomenologia lançada como um novo método, introduzido por Edmund Husserl no início do século XX, através de sua magna obra intitulada *Investigações Lógicas*, e a visão de Heidegger sobre o tema.

A fenomenologia, como um novo método de filosofia, foi introduzida por Edmund Husserl no início do século XX através de sua magna obra intitulada *Investigações Lógicas*. O termo fenomenologia, contudo, que deriva do grego *phainómenon* e significa aparecer ou manifestar-se, foi usado primeiramente pelo filósofo e matemático Johann Lambert no século XVIII para caracterizar a ciência das aparências. O método fenomenológico inaugurado por Husserl tinha

como objetivo evidenciar, através de uma análise da consciência em sua relação com o mundo da vida, as estruturas das experiências humanas da realidade. Trata-se de um modo de filosofar que enfatiza a busca da verdade “em carne e osso” nas coisas mesmas, descrevendo os fenômenos como aparecem e manifestam-se à consciência. Heidegger, que foi aluno de Husserl, expôs em sua obra *Ser e Tempo*, que sua investigação seguia o método fenomenológico. No entanto, diferentemente de seu mestre, esse procedimento não se concentrava na investigação do fenômeno segundo sua manifestação à consciência. A fenomenologia de Heidegger trata o modo como o real se manifesta, o que, a rigor, significa como o ser das coisas aparece e se dá.

Visando estabelecer uma relação entre a fenomenologia de Husserl e a de Heidegger, neste trabalho serão enfocados os pontos de aproximação e afastamento entre ambas as filosofias. No primeiro momento, será analisada em Husserl, a partir de sua preocupação com a situação em que se encontrava a ciência, sua retomada do projeto cartesiano de fundamentar todo o conhecimento através da filosofia. O objetivo dessa análise consiste em indicar qual foi a motivação de Husserl na fundamentação de sua fenomenologia como uma ciência rigorosa, destacando o seu aspecto transcendental, isto é, o modo como a consciência apreende, elabora e constitui os dados da experiência. Esse percurso apontará a construção da ciência eidética em que, através de uma redução fenomenológica, Husserl constitui o ego transcendental como único capaz de evidenciar o mundo. No segundo momento, em Heidegger, será identificado o pressuposto ontológico de sua fenomenologia na dimensão da investigação sobre o sentido do ser, enquanto o conjunto dos princípios que responde pela constituição e pelo aparecimento de todo e qualquer fenômeno. Pretende-se com isso esclarecer a característica existencial da fenomenologia de Heidegger em que

o método fenomenológico é apresentado como indispensável a um tipo de investigação que se caracteriza por, ao investigar, colocar-se a si mesmo em questão. Cabe ainda esclarecer que, em virtude das limitações de tempo e de espaço, as caracterizações serão sumárias.

Pretendendo fazer da fenomenologia, enquanto filosofia, uma ciência rigorosa e examinando a multiplicidade de sistemas filosóficos, sobretudo aqueles que se atinham às possibilidades e limites do conhecimento, Husserl buscou para a filosofia verdades irrefutáveis que servissem de fundamento para todas as ciências. A atitude radical desse ponto de partida é o retorno às coisas mesmas, como uma reação da fenomenologia, tanto ao paradigma do racionalismo e do idealismo com sua razão dogmática; quanto ao paradigma empirista da aquisição de conhecimento através das experiências. Vale ressaltar que este último muito influenciou o positivismo uma vez que, de acordo com o pensamento positivista, a experiência reduzia o mundo a um conjunto de fatos científicos. A rigor, nessa esteira está a crítica de Husserl ao cientificismo dos fatos histórico, social e psicológico. Para Husserl, a fenomenologia deve questionar, sobretudo, a idealização que faz do mundo um mero objeto de hipóteses construído e operado pela subjetividade.

A busca pelo desenvolvimento de uma filosofia que se coloca no caminho seguro de uma ciência rigorosa e universal levou Husserl a evoluir no projeto cartesiano. Se o equívoco das ciências estava em fundamentar a verdade nos fatos, cabia à filosofia conferir a elas o seu verdadeiro fundamento. Embora esse movimento aproxime Husserl de Descartes com relação à conversão radical proposta em seus métodos, os afasta essencialmente na medida em que Husserl rejeita a subjetividade de Descartes. Enquanto a atitude radical de Descartes de retorno ao ego, ao eu pensante, o constitui como princípio de evidência, partindo da dúvida; para Husserl o retorno

radical ao ego é necessário porque toda evidência só pode se dar a partir da consciência. A consciência se faz sede a partir da qual surgem todas as possibilidades de evidenciação do mundo. Portanto, o retornar às coisas mesmas de que trata Husserl, não faz referência nem aos objetos, nem aos fatos, mas aos sentidos que nelas podem ser percebidos.

O primeiro passo do método fenomenológico consiste na redução eidética, isto é, em reduzir os fatos às suas essências. Ao reduzir o mundo a puros fenômenos, essa operação coloca os fatos “entre parênteses”, deixando-os suspensos para então poderem ser percebidos e descritos em sua estrutura essencial. Assim, o que interessa não é o fato, mas a essência do próprio fato através da atitude descritiva. Simultaneamente a essa atitude, dá-se a redução transcendental que consiste na reflexão sobre as essências constituindo e dando sentido ao mundo. Trata-se de um movimento em que se vivenciam as essências na ordem da subjetividade. É importante destacar que isso não significa dizer que as essências constituam um mundo de ideias a priori, mas, pelo contrário, as essências são relativas aos objetos tais como se apresentam à consciência intencional. Portanto, conhecer o objeto significa evidenciar a sua essência na consciência como intencionalidade.

Crucial na fenomenologia de Husserl, o conceito de intencionalidade define que a consciência será sempre consciência de algo, isto é, porque os objetos são intencionais, sempre se pensa num determinado objeto não como uma representação, mas como algo que é apreendido pela consciência. Portanto, fora da consciência, do ego existem as coisas, mas elas só podem ser evidenciadas pela intencionalidade da consciência. Por isso, na fenomenologia, a consciência enquanto intencionalidade descobre o sentido do mundo, da natureza e da história. Em última instância

significa que a consciência é uma intencionalidade que quer descobrir o caráter universal, ou seja, a articulação dessas essências no plano universal. A intencionalidade estará sempre voltada para o objeto. Sendo assim, dada como superada a dicotomia clássica entre sujeito e objeto, a fenomenologia transcendental husserliana marcou a correlação entre fenômeno e consciência uma vez que só existem fenômenos para a consciência assim como a consciência só existe enquanto intencionalidade dirigida aos objetos.

Embora Husserl e Heidegger tenham em comum o retorno às coisas mesmas, ou seja, tenham como tarefa dizer os fenômenos tal como eles se fazem fenômenos, Heidegger fez algumas alterações na fenomenologia de Husserl. Dando importância à apreensão do que aparece, tal como se mostra e a partir de seu próprio aparecimento, ao invés de tratar a consciência como intencionalidade em uma atitude cognitiva frente ao fenômeno, Heidegger aborda o tema abertura para o qual utiliza o termo *dasein*. Este termo indica que o homem em seu viver ordinário nem sempre se coloca em uma postura cognitiva, isto é, nem sempre visa objetos, no sentido de referentes de possíveis predicções. O *dasein*, termo comumente traduzido por presença, nos vários modos de consciência, não se relaciona apenas com objetos, interessado em conhecer as propriedades que eles possam ter segundo sua manifestação à consciência que os evidencia. A abertura essencial, que significa o *dasein*, indica que na vida o homem se relaciona com entes, que não são objetos no sentido próprio, mas tudo o que é real e efetivo. Portanto, a relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo, esta a mais cara para Heidegger, não indica interesse em propriedades objetivas.

Na fenomenologia de Husserl, a tarefa da filosofia não consiste em analisar objetos diretamente, mas mostrar como os objetos são

constituídos pela consciência. Heidegger também não vai analisar os entes que aparecem, mas vai investigar o que possibilita que um ente se mostre. Diferente dos entes que aparecem como real, o que possibilita que as coisas se mostrem é o ser. Para Heidegger, o ser não é nenhum real, nem se dá como as coisas se dão, ou seja, como as características e as qualidades se apresentam na inter-relação de uma coisa com outra. A rigor, o ser não tem o modo real de dar-se. Ele se dá obliqua e conjuntamente com tudo que constitui o modo real de se dar nas coisas que existem, que são-aí. Deste modo, se é o ser de alguma coisa que vai definir quais são as possibilidades de articulação e de realização que essa coisa tem, Heidegger vai, portanto, investigar qual é o sentido do ser, que na introdução da obra *Ser e Tempo* ele afirma ter sido abandonado em seu sentido original pela tradição.

Na visada heideggeriana, o sentido do ser só pode ser captado por causa das próprias coisas. Contudo, a grande dificuldade que se apresenta nessa investigação, uma vez que o ser não é nenhuma coisa que se possa tomar posse, consiste em o homem se encontrar já sempre inserido nos âmbitos de atuação e de vigência do ser. Mas Heidegger entende ter superado essa dificuldade quando diz que o homem é aquele modo de ser cuja característica específica, ou seja, cuja proposta diferencial consiste em apresentar-se e realizar-se na história, já inserido nessa presença do ser como sentido que ultrapassa delimitações diferenciais de qualquer modo de ser. Então, o homem é o lugar onde o ser instala a sua dinâmica de dar sentido, de possibilitar a realização e a delimitação de qualquer modo de ser. E só se pode investigar qual é o sentido do ser, porque já se está dentro dessa dinâmica de sentido e de realização do modo de ser que é próprio de todo o ser. Por isso é que Heidegger caracteriza e define o homem como *dasein*, pois está indicando que o homem se realiza como homem, constrói a sua existência e a sua convivência

consigo e com os outros a partir de uma determinada ação do ser de todas as coisas, de todos os modos de ser.

Para investigar a questão sobre o sentido do ser, Heidegger propôs o método fenomenológico. Esse método, no entanto, como já foi indicado acima, não se concentra no modo como as coisas se dão à consciência, mas no modo como o real se manifesta. Para Heidegger, a característica que marca o método de investigação como fenomenológico é o fato dele retirar do próprio objeto, isto é, do próprio fenômeno, suas condições de operação. Em última instância, significa que o fenômeno já traz em si sua própria fenomenologia. Portanto, ao contrário de Husserl, para quem sem consciência intencional não há fenomenologia, Heidegger vai dizer que sem fenomenologia do fenômeno não há consciência. Para Husserl, o que marca a intencionalidade da consciência é a relação que ela estabelece com um objeto que lhe é diferente. De acordo com Heidegger, se é assim, então, o importante para entender a intencionalidade da consciência consiste em saber qual é o ser dessa consciência. Por isso que a escolha do método fenomenológico é já imposta pelo próprio objeto da investigação, ou seja, pelo fenômeno; na medida em que consiste no procedimento para apreender o que o fenômeno diz de si mesmo como fenômeno. A compreensão deixa de ser entendida como uma atividade reflexiva de um sujeito, passando a ser concebida como a condição mesma de possibilidade da existência humana.

Esse é o ponto crucial que marca a diferença entre as fenomenologias de Husserl e Heidegger. Para Husserl, a fenomenologia é uma construção da consciência intencional. Para Heidegger, a fenomenologia não é o que vem de fora do fenômeno, mas o que vem de dentro do fenômeno. Por isso é importante para a questão sobre o sentido do ser, o fenômeno e o método

fenomenológico. O fenômeno enquanto movimento de mostrar-se e o fenomenológico como possibilidade de explicação da dimensão a partir da qual o fenômeno se dá. Nesse sentido, a fenomenologia existencial de Heidegger concentra-se em ultrapassar qualquer dualidade entre realizações na medida em que remonta à estrutura do modo de ser de toda e qualquer manifestação do real.